

## **ensaio sobre o ódio i**

**uarlen becker**

vim da senzala e sou empregado da casa grande. odeio os dois lados. eu odeio os jornais. e as revistas. e os periódicos. tudo não passa de uma medíocre bolha de sabão. eu odeio os barões do café e suas panças azeitadas pelo colete. odeio esses políticos velhacos, seus sorrisos empastelados, suas velhas artimanhas arquitetadas pelos barões gordos da publicidade, essa velha nova fábrica de mentiras, de pós-verdades. odeio também minha face estampada no espelho. mas disso não tenho como fugir. não sei como me meti naquele jantar desprezível. o nojo que eu sentia eu nem sei dizer. o casal torreão me tratava como a um príncipe. tudo porque eu fora assessor de um deputado e eles queria tirar vantagem disso. eu queria ser um varredor de rua, sempre em contato com o movimento e as pessoas. mas por desgaste e capricho do destino eu me tornei advogado e por causa do fracasso terminei como assessor parlamentar. dias e dias auxiliando no engendramento do mal, das perversões as mais sofisticadas. eu estava quase vomitando com o cheiro do perfume doce da senhora torreão. que casal abominável. o desprezo que tenho por eles eu nem sei dizer. é preciso odiar, odiar, odiar. estou cansado desse amor todo espalhado por aí. esse falso amor, falso pudor, falso respeito, falsa ordem. tudo é falso. até eu aqui parado soa falso diante da repugnância desse falso amor de reality show. é preciso odiar. o ódio sim é autêntico, não se pode fingir. como eu odeio essa gente! eu mataria o casal torreão como quem mata um piolho entre as unhas. os mataria a marteladas. olha, olha como se calam quando o prefeito oferece a eles o próprio cu para que lambam e se deliciem com as lambidas! loucos por um cargo ou um desses editais. se espojam com aquele sorriso amarelo com os que usurpam o poder e navegam na crista da onda da miséria desse povo. eu os odeio. aliás, odeio o povo também. os anarquistas, os capitalistas, os socialistas, os comunistas e os ignorantes. pensam que sabem tudo. odeio as massas. odeio essa gente imbecilizada que pensa que a tv é a tábua da verdade. que se deixa levar pela aparente capa de santidade da imprensa. odeio essa gente que acha que sabe

tudo. não sabem alguma coisa, quanto mais tudo! odeio as mulheres e sua condescendência, odeio os homens e sua arrogância idiota e concreta. odeio as crianças e sua amarelidão mimada. odeio sobretudo os pais das crianças, cuja tolice brilha e ofusca meus olhos. que gente detestável. vivem sua infância perdida na escravidão repetitiva dos próprios filhos. o casal torreão entrou para a audiência com o prefeito. quando eu era assessor de deputado eu via malandragens pequenas. as de agora são como a abertura do mar vermelho: passam por ela uma nação inteira. a cidade brilha sob o calor do verão. tudo aqui é festa. odeio essas festas. odeio os santos e santas, as lavagens, os camelôs, as fantasias, o azeite e o mijo. odeio o povo e sua ingênua ignorância. nem sabem que vivem. odeio! a senhora torreão propôs ao prefeito uma parceria para suas obras assistencialistas e paliativas. a parceria entre o público e o privado nunca passou de uma prostituição sem pagamento algum. um estupro cordial publicado em diário oficial. o filho mais velho dela é artista. odeio os artistas. essa gente me causa náuseas! pequena multidão de deslumbrados. vibram com energia com suas fotos em um comercial de televisão. o que pode ser mais asqueroso? um artista ou a mamãe que pensa que seu filho um dia será alguém? ninguém será, ninguém é! meu salário está atrasado. tenho ânsias de matar o chefe do gabinete, com sua gravatinha borboleta e sua barba sempre bem feita. no gabinete eles alternam as camisas: um dia é branca, noutro dia azul. estão sempre sorrindo em público e em privado o prefeito distribui socos e pontapés e eles nutrem desejos de que todos se fodam na esquina. final de semana tomam uísque importado e comem queijo e cheiram o pó do bom. o povo? bem, o povo vai à praia, pois é de graça. monitoro como andam as atividades do prefeito na internet: são vinte e três meninos e meninas recém-saídos da universidade fodendo as redes sociais com propagandas da gestão e verdades inventadas. na internet estão todos sorrindo. todo mundo sorri e é feliz. sempre. odeio esse mar de felicidade. aquilo parece um açougue: as carnes estão sempre expostas. odeio o ativismo político e a prostituição mal disfarçada disso que chamam de internet. esse mundo é podre e eu não posso me deixar contaminar. folgo um pouco o nó da gravata. o casal torreão vai embora. ela conseguiu do prefeito a promessa de que seu filho artista será o diretor de um centro cultural do município. só porque o rapaz fez uma pequena atividade em uma telenovela de

quintacategoria. como aliás são de quinta todas as telenovelas. eu chamo de pequena atividade, eles chamam de interpretação. você me ama? não, eu não amo, eu amo o antônio. foram mais de mil fotos espalhadas nas redes sociais. cada tomada de câmera era uma foto com aquele sorriso engessado. em cada esquina do estúdio uma foto com uma pseudo celebridade da tv. como se estivesse em hollywood. o açougue anda em alta. vendem-se as carnes a preço de poeira. agora está desempregado. estava. porque os pais conseguiram uma vaga para o seu pequeno pedaço de cocô no centro cultural do município. vai foder com os funcionários fodidos do centro cultural. eu odeio toda essa gente. odeio os centros culturais. e se pudesse nunca mais olharia na cara desolada e cínica desses professores que nada ensinam, que só emburrecem! odeio os professores e sua ignorância de canudo, se pudesse colocaria uma bomba h na sala dos professores, com aquelas xicrinhas de café e açúcar mascavo ou adoçante de aspartame. essas professorinhas que negam a pica dura de seus alunos em chamadas! e aquelas xanas das meninas em fogo, em flor! odeio essas pessoas que querem ensinar religião e seus deuses barbudos em sala de aula. odeio essa gente que nunca sequer leu um livro. como ousam falar em língua e literatura se tudo que leem são revistas de fofocas e jornais sangrentos? odeio os alunos esganiçados que nunca saberão que a equação não serve para nada. que eles morrerão peidando como os seus pais e avós que também não sabiam que de nada serviria entender sobre a estrutura dos malditos átomos! agora chamam de partícula de deus, como se um deus pudesse ser tão idiota para deixar qualquer fórmula de qualquer coisa assim à toa para qualquer cientista que cultiva a morte em seus laboratórios pudesse entender. odeio essas escolas que transformam em competição a sede maldita por esse sistema injusto. olho os perfis das redes sociais: todos estão em um relacionamento sério! sério? levam a vida assim tão a sério para não saberem o que fazem com a liberdade? eu penso que sou livre. mas não sou. estou atavicamente preso a essa cadeia miserável de consumo e ansiedade. comer e cagar. comer e cagar. o amanhã já não interessa, me preocupo agora com o mês que vem. com o próximo verão, o próximo carnaval, o hoje não me interessa mais, pois já não durmo nem sinto a mim mesmo. poderia cantar uma música para suavizar essa merda toda, mas preciso dizer que não tenho, que não tenho tempo para isso. quando o casal

torreão se retirou, a faxineira entrou para desinfetar tudo. o prefeito gosta que desinfetem seu gabinete depois que qualquer pessoa entra lá. noutro dia sonhei que ela empalava o prefeito com a vassoura de piaçava. acordei assombrado com a realidade daquele sonho. sim. a revolução deveria vir dos pequenos. são os insetos menores os mais mortíferos, os que derrubam o homem mais forte e põe a ciência de quatro com seu zumbido infernal e sua picada indolor. como deus é sofisticado e brutal. olhei para a faxineira. uma negra com ares de simpática e subserviente. estava satisfeita, pois estava empregada e acredita que o trabalho enobrece e deus ajuda a quem cedo madruga. tolinha. a revolução deveria vir pelas mãos dos negros. a maioria pseudo heróis. a maioria de achacados. a guerra dos pequenos. a vingança sangrenta dos oprimidos. olho novamente a faxineira. não. a revolução não virá. é tudo ainda muito simpático e cuidadoso. existe a democracia e a bondade e a culpa e a poesia. e assim será. odeio tudo isso. odeio essa gente. odeio. sobretudo quando me olho no espelho.

# # #

então, diante da pasmaceira e da inércia e do comodismo e da leviandade e do individualismo e do niilismo de toda gente e de mim mesmo eu acordei. decidi que era hora de mudar todas as coisas e fazer uma revolução. fui até a casa de francisco pegar o pau dele que era do pai dele e que deu em muita gente para dar de novo em toda gente que merecesse as tais pauladas.

como assim? vamos fazer uma revolução porra!

porra!

caralho!

uma revolução!

como assim com paus e pedras? temos nosso intelecto, nosso ódio contido, nossas frustrações e nosso medo. vou até a casa de dona vitória e pedir a ela a pistola do marido dela, o velho morreu e deixou a pistola para ela, que guarda com carinho.

vamos. vamos destruir as bases desse sistema, vamos matar os políticos, acabar com as televisões malditas, as rádios desgraçadas e os burgueses fedorentos.

porra, como assim não tem tempo?

porra, como assim precisa trabalhar?

porra! você não está vendo o mundo como está? como você ousa parar para dar asas ao teu egoísmo e pensar em trabalhar para comer e pagar seus cartões de crédito? vamos fazer uma revolução e acabar com todos os financistas e vermes do capitalismo que destrói as almas das pessoas!

como assim você não tem uma roupa adequada? a revolução não exige uma moda ideal. use esse traje que está usando agora. essa moda prêt-à-porter, essa roupa comprada nessa lojas de shopping center, que parece que foi costurada num boi, ou numa minhoca esquelética. esse gancho folgado, essa manga torta, esse cós... bem, deixa pra lá!

já sei. vamos invadir Brasília. vamos botar uma bomba no congresso nacional. consiga-me toda a pólvora que puder. consiga também pregos, cacos de vidro e pimenta malagueta. quando tudo aquilo se explodir, quero que sintam o ardor de suas ações nefastas contra o povo. como assim tem medo? porra, não temos tempo para ter medo! entendemos os problemas e sabemos a solução, precisamos agir e a revolução é o remédio para esses males da terra e de toda gente! é a solução contra a educação opressora e a dominação imperialista!

porra, como assim eu sou louco? chamem os estudantes, chamem as donas de casa, chamem os professores, chamem os aposentados, chamem os negros e as gays. os oprimidos irão lançar as bases da revolução e conquistas na marra todo o poder.

eu iniciarei sozinho os motins com esse coquetel molotov. serei o lobo solitário dos desmanches e da quebra das estruturas sociais viciadas. encarnarei em mim Robespierre, Foucault, Lucas Dantas, Maria Quitéria, Joana D'Arc, Maria Felipa, Nina Simone e Antonio Conselheiro. só a revolução nos salvará! avante companheiros!

(aí ele tenta acender o coquetel com um isqueiro, que não funciona)

# # #

eu odeio essa gente inerte. odeio. odeio o destino e o acaso. odeio essas lutas  
inglórias. odeio o medo. odeio a coragem sem ação. odeio. odeio sobretudo a  
mim mesmo, quando me olho no espelho.